



PBPC
ISSN 2674-9432



Qualis A3
CAPES 2021-2024



DOI - Crossref

Latindex

Indexado no
Google Acadêmico

HARMONIA WERCKMEISTER: UM DIÁLOGO ENTRE FILOSOFIA NIETZSCHEANA E INTEGRALIDADE

Josias Ricardo Hack, Pedro Henrique Mosqueta Orengo



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n1p4216-4228>

Artigo recebido em 30 de Janeiro e publicado em 30 de Março de 2026

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise do filme *A Harmonia Werckmeister* (Werckmeister Harmóniák, 2001), dirigido por Béla Tarr e Ágnes Hranitzky, a partir da intersecção entre a filosofia de Friedrich Nietzsche e as teorias da psicologia da integralidade corpo/mente. A base do estudo sustenta-se nas tensões nietzschianas entre os impulsos apolíneos e dionisíacos, o niilismo e a afirmação da vida, cruzando-as com preceitos da Gestalt-Terapia de Fritz Perls e da biopsicologia, a partir de autores como Daniel Goleman e Daniel Kahneman. O objetivo é demonstrar como o eclipse da razão na sociedade moderna, encenado na obra cinematográfica, pode ser compreendido tanto como uma decadência filosófica do espírito quanto como uma ruptura na autorregulação organísmica e no ajustamento criativo do ser humano ao seu ambiente.

Palavras-chave: Harmonia Werckmeister; filosofia nietzscheana; autorregulação organísmica; ajustamento criativo.

ABSTRACT

This article proposes an analysis of the film *Werckmeister Harmonies* (Werckmeister Harmóniák, 2001), directed by Béla Tarr and Ágnes Hranitzky, through the intersection of Friedrich Nietzsche's philosophy and theories of mind-body integrity psychology. The study is grounded in Nietzschean tensions between Apollonian and Dionysian impulses, nihilism, and the affirmation of life, cross-referencing them with principles of Fritz Perls' Gestalt Therapy and biopsychology, drawing on authors such as Daniel Goleman and Daniel Kahneman. The objective is to demonstrate how the eclipse of reason in modern society, depicted in this cinematic work, can be understood both as a philosophical decadence of the spirit and as a disruption of organismic self-regulation and the human being's creative adjustment to their environment.

Keywords: Werckmeister Harmonies; Nietzsche's philosophy; organismic self-regulation; creative adjustment.

Instituição afiliada - Universidade Federal de Santa Catarina.

Autor correspondente: *Josias Ricardo Hack*.

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





1 INTRODUÇÃO

Inspirado na obra de Gianni Vattimo, *Diálogo com Nietzsche* (2000), este artigo¹ analisa o filme *A Harmonia Werckmeister* (2001), dirigido por Béla Tarr e Ágnes Hranitzky, adaptação do livro *Melancolia da Resistência* (1989) de László Krasznahorkai. O diálogo estabelece-se primordialmente com a filosofia de Friedrich Nietzsche, com foco no nascimento da tragédia e na crítica à modernidade. Em paralelo, introduzem-se prismas da Biopsicologia e da Gestalt-terapia para expandir a compreensão do comportamento humano retratado.

O objetivo deste estudo é demonstrar como os diretores húngaros Béla Tarr e Ágnes Hranitzky utilizam conceitos nietzschianos para discutir a falência da razão moderna, em uma narrativa cujo roteiro foi assinado por Tarr e László Krasznahorkai. Propõe-se analisar o colapso dessa racionalidade sob a ótica da falta de integralidade entre corpo e mente, compreendendo as ações dos personagens como reflexos de ajustamentos neuróticos e perdas de autorregulação organísmica. O cinema, portanto, ilustra a dissociação contemporânea entre intuição e intelecto.

O filme se ambienta em uma remota e gélida cidade na Hungria, marcada pela escassez de recursos e um inverno rigoroso. A narrativa acompanha János, um jovem entregador de jornais que preserva uma visão puramente apolínea e harmoniosa do universo, chegando a encenar um eclipse solar utilizando os frequentadores embriagados de um bar como corpos celestes. A rotina de desolação da cidade é interrompida pela chegada de um circo itinerante, cujas atrações principais são o cadáver de uma baleia e uma figura enigmática conhecida como "Príncipe". Enquanto o velho aristocrata Gyorgy mergulha em um saudosismo intelectual sobre a perda da harmonia musical perfeita, a presença do circo atua como um catalisador para o caos. Sob a influência do discurso niilista do Príncipe, a massa amorfa de forasteiros e locais congregada na praça abandona a razão e transforma-se em um braço destruidor. O Príncipe atua como o catalisador desse niilismo passivo e unifica indivíduos despersonalizados em um movimento de rebanho que anula qualquer vestígio de

¹O presente manuscrito contou com o suporte de inteligência artificial como interlocutora dialética na curadoria crítica de linguagem e no refinamento da clareza expositiva, visando a validação técnica de conceitos. A responsabilidade integral pelo conteúdo permanece com os autores..



vontade criadora. Biopsicologicamente, esse coletivo sofre um sequestro da amígdala², onde o medo do estrangeiro e a instigação ao caos dão lugar a instintos primitivos de destruição.

A *Harmonia Werckmeister* (2001) é uma história sobre o eclipse da razão em tempos de medo e incerteza. A obra, filmada em 39 planos-sequência em preto e branco, explora visualmente a dicotomia entre luz e sombra ou entre razão e emoção, transpostas para os conceitos de Apolo e Dionísio. Nietzsche (2003) critica a decadência da sociedade europeia onde o impulso apolíneo (ordem e forma) eclipsou o dionisíaco (caos criativo e natureza). Na perspectiva da cognição moderna, essa cisão se assemelha à divisão proposta por Daniel Kahneman (2012, apud HACK, 2022) entre o Sistema 1 (impulsivo e emocional) e o Sistema 2 (lógico e deliberativo). Observa-se no filme uma tentativa de impor a rigidez do Sistema 2 sobre uma realidade prestes a ser consumida pelas forças instintivas do Sistema 1.

Para guiar o leitor nesta jornada interdisciplinar, o artigo está estruturado em cinco momentos principais. A primeira seção contextualiza a narrativa fílmica sob a ótica da dualidade humana, contrastando os impulsos nietzschianos com os sistemas cognitivos modernos. Em seguida, analisa-se a sequência inicial do filme, para discutir a tentativa de controle apolíneo e o conseqüente distanciamento do aqui e agora. No terceiro momento, o discurso de Gyorgy é examinado para demonstrar como a nostalgia e a rigidez intelectual levam à perda da autorregulação orgânica. Na seção seguinte, investiga-se o impacto do circo e da baleia na cidade, explorando o niilismo passivo, o sequestro emocional da massa e o mecanismo da confluência. Por fim, as considerações finais sintetizam os achados, propondo a figura da criança como símbolo do Além-Homem e do ajustamento criativo frente ao caos.

2 O BAR: O CONTROLE APOLÍNEO E A DEFLEXÃO DO CONTATO

O primeiro plano-sequência do filme, com seus 11 minutos de duração, contém material suficiente para enxergar as pistas dessa dupla leitura filosófica e psicológica. Quase na hora de um *pub* fechar, János, o entregador de jornais locais, toma para si a

²A amígdala cerebral atua como uma sentinela que ativa o eixo HPA (hipotálamo-pituitária-adrenal) no organismo como uma resposta ao estresse originado de estímulos extremos que ameaçam as pessoas. A consequência imediata é a liberação do hormônio cortisol na corrente sanguínea que leva, dentre outras coisas, ao aumento da frequência cardíaca e ao estreitamento dos vasos sanguíneos, ampliando a capacidade do organismo de responder a episódios de estresse agudo e prolongado (HACK, 2022).

missão de explicar a um grupo de frequentadores, que estava em estado de torpor dionisíaco, o eclipse solar que está para acontecer. Ele posiciona os homens para orbitarem uns aos outros, encenando o Sol, a Terra e a Lua.

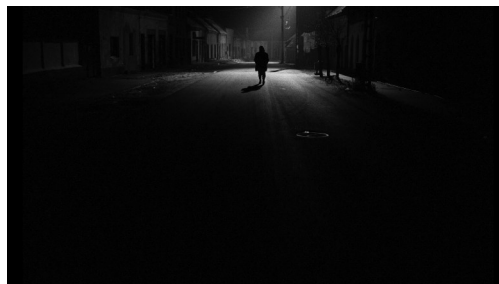
Figura 01: János e a encenação do eclipse.



Fonte: WERCKMEISTER harmóniák (2001).

A tragédia grega de Ésquilo e Sófocles era uma expressão artística ligada a Dionísio, deus da embriaguez e um bar cheio de bêbados é uma forma de representação moderna desse estado. János, contudo, prepara seu espetáculo de forma ordenada, descrevendo o universo como constância, paz e quietude. Nietzsche (2003) afirma que o apolíneo é o princípio que delimita o eu e a beleza formal. A explicação de János, ordenando pessoas para representar astros em um sistema harmonioso, torna seu discurso uma interpretação puramente apolínea do universo. O discurso dele, explanando uma suposta organização do universo, uma ordem, uma constância e seu receio do futuro, são exatamente o que Nietzsche determina como uma impotência moderna. János é a razão apolínea que tomou as rédeas em um mundo caracterizado por sua luta com Dionísio. Quando ele sai do bar, temos um plano-sequência dele andando pelas ruas sozinho, em que a iluminação dos postes vai cada vez sendo mais oprimida, em um jogo de luz e sombra em que a figura luminosa diminui em comparação com as trevas. Como lidar com as áreas sombreadas do futuro será uma questão abordada no filme.

Figura 02: János andando pelas ruas.



Fonte: WERCKMEISTER harmóniák (2001).



Sob a lente da Gestalt-Terapia, no viés de Fritz Perls (1977), a atitude de János revela um distanciamento do aqui e agora. Ao tentar controlar a narrativa cósmica e prever o futuro (o eclipse), János lida com a ansiedade, que, segundo Perls, nada mais é do que o vácuo entre o *agora* e o *depois*. A excitação que deveria fluir naturalmente no presente paralisa-se frente à incerteza. Em sua performance, János descreve o entardecer terrível do eclipse, quando os animais se escondem e o céu escurece, criando uma analogia da escuridão com o medo do futuro. Esse medo demonstra como o cidadão moderno tenta prever e racionalizar todas as instâncias da vida, perdendo a capacidade de "entrar em fluxo" (*flow*), estado de profunda conexão com o presente onde as reações não precisam de um controle mental exaustivo (HACK, 2025). János é a razão apolínea que tomou as rédeas em um mundo lutando com Dionísio. A performance de János funciona como uma deflexão, ou seja, uma manobra para evitar o contato direto com a incerteza do presente através de uma intelectualização exaustiva. Ele representa a razão apolínea que, embora tente guiar o mundo, encontra-se impotente diante da iminente erupção dionisíaca.

3 O DISCURSO DE GYORGY: HISTORICISMO E PERDA DA AUTORREGULAÇÃO ORGANÍSMICA

No longo monólogo do velho aristocrata Gyorgy, ele explica o equívoco de Werckmeister em quebrar a harmonia musical celeste com suas métricas e decimais. Em seu âmago, Gyorgy nutre um profundo saudosismo, afirmando que a música deve retornar às suas origens tonais gregas. Seu discurso, porém, afasta-se da vitalidade nietzschiana. Nietzsche (2003) não propunha o retorno literal ao passado grego, mas sim o renascimento do espírito trágico no presente, aceitando o caos e a finitude como partes afirmativas da vida. Em outras palavras, ele admirava a tragédia grega como expressão de uma força vital e afirmativa, mas não como um modelo histórico a ser restaurado. Ele queria recriar o trágico na arte moderna, e não reconstruir o teatro antigo. O que o filósofo alemão questionava era a sobreposição constante do apolíneo sobre o impulso dionisíaco, na sociedade europeia, e propunha uma potência criativa para o novo, livre de amarras e preceitos morais do passado.

Figura 03: Gyorgy e seus discursos sobre a música.



Fonte: WERCKMEISTER harmóniák (2001).

Gyorgy representa a decadência de espírito que Nietzsche define como racionalismo, ascetismo e historigrafismo. Ao ficar preso ao passado, Gyorgy perdeu o que Perls (2002, apud HACK, 2024) chama de autorregulação orgânica. Para o autor, o organismo saudável busca suprir suas necessidades através do contato real com o mundo. Contudo, quando a resposta às demandas é buscada exclusivamente na vida de fantasia ou na nostalgia de um passado inalcançável, a pessoa perde a espontaneidade, cessa de crescer e passa a agir neuroticamente.

A obsessão de Gyorgy por uma perfeição teórica do passado revela o que Rudolf Arnheim (2004, apud HACK, 2025) descreve como o perigo de negligenciar a intuição em favor do intelecto estrito. Ao focar apenas no excesso de controle intelectual das notas musicais, cria-se um ajustamento neurótico, onde a rigidez (introjeção de regras antigas) impede o indivíduo de realizar um ajustamento criativo frente aos novos desafios de sua comunidade. Gyorgy e János representam, portanto, a arte e a ciência impotentes diante de uma realidade que exige vitalidade instintiva.

4 A BALEIA, O PRÍNCIPE E O SEQUESTRO EMOCIONAL DA MASSA

Com a escalada da tensão pela chegada do circo, Tunde pede a János que a ajude manter a ordem na cidade, bem como restaurar a ordem social tradicional. János, ao investigar o circo, fica obcecado pela atração da baleia na praça. Ela, além do circo, é a representação do *pathos*, o sofrer de uma grande paixão, o acometimento, o vibrar, o pulsar.

Figura: 04: Gyorgy observa a baleia.



Fonte: WERCKMEISTER harmóniák (2001).

János maravilha-se hipnoticamente com a baleia, enquanto os homens da cidade são seduzidos pelo discurso destrutivo do Príncipe. O Príncipe incita o caos com afirmações niilistas como "Tudo é nada" e "Tudo é ruína". Nietzsche (2016) foi a favor da destruição, mas como parte do eterno *devenir*, ou seja, destruir para criar novos valores e não o aniquilamento vazio de sentido. O Príncipe, no entanto, é o pastor do niilismo passivo, transformando seus seguidores em braços destruidores sem rosto e sem vontades próprias. A arte e a ciência apolíneas são derrotadas por uma massa enfurecida e manipulada, sob o olhar morto de uma gigantesca baleia. A baleia representa o *pathos*, o sofrer de uma grande paixão, possuindo um magnetismo profundo. Para Nietzsche (2003), a natureza indomável possui conexão direta com o dionisíaco, momento em que o homem desaprende as regras e volta a se reconciliar com sua essência instintiva.

Figura 05: o Príncipe e seus discursos niilistas.



Fonte: WERCKMEISTER harmóniák (2001).

Em termos biopsicológicos, a massa hipnotizada pelo Príncipe sofre o que Daniel Goleman (2011, apud HACK, 2021) chamaria de um sequestro da amígdala cerebral. Quando o ambiente é percebido de forma aterrorizante, o cérebro ativa o Sistema Nervoso Autônomo Simpático, preparando o organismo para lutar ou fugir. Dominados pelo medo do desconhecido e inflamados pelo discurso do Príncipe, os homens da cidade abandonam o raciocínio lento do neocórtex (intelecto) e são tomados pelos instintos mais primitivos.

Figura 06: a massa percorre as ruas.



Fonte: WERCKMEISTER harmóniák (2001).

Na abordagem da Gestalt-Terapia (PERLS, 1977), essa massa de homens ilustra o mecanismo neurótico da confluência, onde as fronteiras entre o "eu" individual e o "outro" (a multidão) se dissolvem completamente. A individualidade é perdida e o grupo age de modo reativo, exemplificando o conceito de "rebanho", apontado por Nietzsche (2016). Para o filósofo alemão, o povo em massa dilui a vontade criadora e nivela o espírito por baixo. Zaratustra buscava companheiros vivos que seguissem a si mesmos, não rebanhos enfurecidos.

Enfim, Béla Tarr, Ágnes Hranitzky e László Krasznahorkai tecem uma crítica não apenas ao perigo de uma mentalidade niilista de rebanho, mas também uma crítica nietzscheana da ideia de povo ou de massa. Nietzsche (2016) abomina esse conceito, pois representa vontades mortas e a busca de homogeneização do diferente. É o fim da vontade individual, em que o espírito é puxado para baixo para chegar a um senso comum decadente e impotente. Sendo assim, o Príncipe é um pastor do niilismo, um



influyente líder que transformou seus seguidores em braços destruidores sem nome e desejos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *A Harmonia Werckmeister* (2001), testemunha-se os limites da razão moderna, que ao tentar prever e controlar tudo (János e Gyorgy), acaba sendo tragada por uma força irracional (a turba do Príncipe). Béla Tarr, Ágnes Hranitzky e László Krasznahorkai utilizam os questionamentos de Nietzsche para refletir sobre a condição humana. A solução, tanto na filosofia trágica quanto na psicologia da integralidade, não reside no domínio de um polo sobre o outro, mas na capacidade de sustentar o conflito e alcançar a homeostase. Em outras palavras, reside na capacidade de observar o aqui e agora e alcançar o ponto-zero³, como propunha o filósofo Friedlaender e, posteriormente, Fritz Perls (2002, apud HACK, 2024). É a aceitação do presente como instância de ação, integrando mente e corpo ou razão (Apolo) e intuição (Dionísio).

Essa síntese luminosa pode ser vista em um detalhe vital na obra analisada: as crianças pulando e brincando na cama, aproveitando a ausência da vigilância adulta para expressar suas vontades puras. Na filosofia nietzschiana, a figura da criança personifica a superação do homem reativo e sinaliza a emergência do Além-Homem. Este não representa um progresso coletivo da humanidade, mas a autossuperação do indivíduo que rompe com o moralismo cristão e resgata a inocência do vir-a-ser, bem como a capacidade de esquecer e criar seus próprios valores ao afirmar a vida em sua trágica e bela totalidade. Na Gestalt-Terapia (PERLS, 1977), a criança é o modelo do ajustamento criativo, entregando-se de forma lúdica à realidade presente, utilizando o que está disponível no ambiente para crescer sem as amarras das neuroses.

³Perls (2002) utiliza a teoria do ponto-zero do filósofo Salomon Friedlaender. Na obra intitulada *Creative indifference*, Friedlaender expõe a teoria de que há um ponto-zero em todo evento e tal ponto representa o espaço a partir do qual os opostos são diferenciados, mesmo que em seu contexto específico eles continuem mantendo uma grande afinidade entre si.

Figura 07: crianças se divertem na ausência da vigilância.



Fonte: WERCKMEISTER harmóniák (2001).

Como destacou Nietzsche (2016, p.29): "Eu vo-lo digo: é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante". Apenas ao aceitar o caos de de suas próprias contradições biopsicológicas e filosóficas, assumindo a responsabilidade pela própria existência integral, o ser humano pode parar de fugir do presente e começar, verdadeiramente, a dançar.

6 REFERÊNCIAS

HACK, J. R. Autoconhecimento sob prismas da integralidade corpo/mente. In: ALMEIDA, Flávio Aparecido de (Org.). **Psicologia Existencial, Humanista e Fenomenológica. Vol. II.** Guarujá: Científica Digital, 2025, p.79-126.

HACK, J. R. Consciência de corpo/mente na sociedade em midiatização. In: DROZDOWSKA-BROERING, Izabela; MARKENDORF, Marcio; OLIVEIRA, Geovana Quinalha de (organizadores). **Memórias do corpo: Apagamentos.** Florianópolis: UFSC, 2022, p. 91-123.

HACK, J. R. Consciência Gestáltica: a busca de autorregulação do organismo (corpo/mente). **Ciências & Cognição.** Rio de Janeiro, v.26, n.1, 2021, p. 51-65.

HACK, J. R. Doctor Jekyll e Mister Hyde no contexto das redes sociais: uma abordagem gestáltica. **Vivências (URI. Erechim).** v.20, n.40, 2024, p. 235-250.

NIETZSCHE, F. **Assim Falava Zaratustra: livro para toda gente e para ninguém.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.



NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia**: ou helenismo e pessimismo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PERLS, F. **Gestalt-Terapia explicada**. 10. ed. São Paulo: Summus, 1977.

VATTIMO, G. **Diálogo com Nietzsche**: ensaios 1961-2000. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010.

WERCKMEISTER harmóniák. Direção de Béla Tarr e Ágnes Hranitzky. Produção de Franz Goëss, Paul Saadoun, Miklós Szita, Joachim von Vietinghoff. Roteiro: Béla Tarr e László Krasznahorkai. Música: Mihály Vig. 2001. (145 min.), son., P&B.